



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CÂMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

BRÍGIDA MIRELA ARRUDA CÂMARA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA POESIA DE BRÁULIO BESSA A
PARTIR DA PERSPECTIVA DE CULTURA(S)**

**CAMPINA GRANDE
2022**

BRÍGIDA MIRELA ARRUDA CÂMARA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA POESIA DE BRÁULIO BESSA A
PARTIR DA PERSPECTIVA DE CULTURA(S)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras Português.

Área de Concentração: Literatura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A779r Camara, Brigida Mirela Arruda.
A representação do Nordeste na poesia de Bráulio Bessa a partir da perspectiva de cultura(s) [manuscrito] / Brigida Mirela Arruda Camara. - 2022.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Poema. 2. Cultura. 3. Nordeste. 4. Análise literária. I.

Título

21. ed. CDD 801.95

BRÍGIDA MIRELA ARRUDA CÂMARA

A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA POESIA DE BRÁULIO BESSA A
PARTIR DA PERSPECTIVA DE CULTURA(S)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras - Língua
Portuguesa da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves Nota: 8,0
Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (DLA/UEPB)

Kalina Naro Guimarães Nota: 8,0
Prof.ª Dr.ª Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (DLA/UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro Nota: 8,0
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (DE/UEPB)

Média: 8,0

*Dedico este trabalho aos meus pais, por serem a
minha base na vida,
Ao meu esposo, por sempre segurar a minha mão,
e a minha avó Maria (in memorian),
que sempre rezou para que Deus me concedesse a
graça de nunca desistir.*

*“Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa,
Deus não muda, a paciência tudo alcança;
Quem a Deus tem, nada lhe falta: só Deus basta.”*

(Santa Tereza D’Ávila)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE CULTURA.....	8
3 A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE.....	10
4 VIDA E OBRA DE BRÁULIO BESSA.....	12
5 O NORDESTE NOS VERSOS DE BRÁULIO BESSA.....	14
<i>5.1 A mesa do brasileiro.....</i>	<i>15</i>
<i>5.2 A sanfona de Beethoven.....</i>	<i>16</i>
<i>5.3 Mãos.....</i>	<i>18</i>
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	20

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA POESIA DE BRÁULIO BESSA A
PARTIR DA PERSPECTIVA DE CULTURA(S)**

**THE REPRESENTATION OF THE NORTHEAST IN BRÁULIO BESSA'S POETRY
FROM THE PERSPECTIVE OF CULTURE(S)**

Brígida Mirela Arruda Câmara¹

RESUMO

Este estudo apresenta uma leitura dos poemas de Bráulio Bessa presentes no livro *Poesia com rapadura* (2017), com ênfase na análise de “A mesa do brasileiro”, “A sanfona de Beethoven”, e “Mãos” observando a(s) representação(ões) do Nordeste, viés presente em muitos poemas do escritor. Para desenvolver esse modo de ler, realizamos um levantamento dos poemas que apresentam imagens do Nordeste; categorizamos os poemas que apontam para a representação da cultura nordestina e o diálogo desta com outras culturas. Para embasar as reflexões recorreremos aos estudos de Santos (2006), Laraia (1997), Albuquerque (2009), Certeau (1995) e Hall (2006). Ao contrário da visão que durante muitas décadas associou o Nordeste a "sinônimo da seca, da miséria e da pobreza," encontramos poemas de Bráulio Bessa que ressaltam outras imagens da região Nordeste, retratando o espaço e o povo a partir do destaque as inúmeras belezas relacionadas aos seus recursos naturais e histórico-culturais.

Palavras-Chave: Bráulio Bessa. Poemas. Cultura (s). Nordeste.

ABSTRACT

This study presents a reading of poems by Bráulio Bessa presents in the book *Poesia com rapadura* (2017), with emphasis on the analysis of “A mesa do brasileiro”, “A sanfona de Beethoven”, and “Mãos” observing the representation(s) from the Northeast, a bias present in many of the writer’s poems. To develop this way of reading, we carried out a survey of poems that present images of the Northeast; we categorize the poems that point to the representation of northeastern culture and its dialogue with other cultures. To support the reflectins, we resorted to studies by Santos (2006), Laraia (1997), Albuquerque (2009), Certeau (1995) and Hall (2006). Contrary to the view that for many decades associated the Northeast with “a synonym of drought, misery and poverty,” we find poems Bráulio Bessa that highlight other images of the Nortgeast region, portraying the space and the people from the standpoint of the innumerable beauties related to its naturak and historico-cultural resources.

Keywords: Braulio Bessa. Poems. Culture(s). North East.

¹ Graduanda no Curso de Licenciatura em Letras Português, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: mirelabrigida@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre os conceitos de cultura em nosso país, visto que recentemente estamos vivendo uma crise no que diz respeito a questões como: elitismo cultural, desrespeito à diversidade e xenofobia. Sabemos que desde os primórdios o homem produz cultura. Mesmo que de maneira inconsciente ou abstrata, os primeiros seres humanos já tinham rituais e costumes próprios que os faziam se comunicar e interagir. Analisar a cultura hoje e, sobretudo, discutir o etnocentrismo pautado no pensamento de superioridade de uma cultura sobre a outra, torna-se uma pauta urgente.

Quando pensamos no Brasil, é sabido que por muito tempo se buscou criar uma identidade cultural, em especial na década de 1920, do século XX. No entanto, ao tentar homogeneizar uma identidade, se caiu no erro de supervalorização da região sudeste, que já obtinha prestígio desde o início da colonização, e de desvalorizar as heterogeneidades das outras regiões, em especial Norte e Nordeste, tratando-as de maneira homogênea e preconceituosa.

Albuquerque Júnior em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes” (1999) discute acerca dos mecanismos que construíram uma imagem do Nordeste marcada por estereótipos associados apenas ao cangaço, à seca, à fome e à miséria. A literatura foi uma das principais ferramentas para a disseminação dessas imagens e, portanto, o que temos hoje em muitas obras canônicas são representações de um Nordeste diferente do que existe de fato, ou seja, um Nordeste subjugado, pobre e ignorante.

Hoje, século XXI, é necessário que estudemos a literatura que representa o Nordeste de uma maneira crítica e observemos o que ainda traz de resquícios desse período. Por isso, o presente trabalho tem por objetivo analisar como a cultura nordestina é retratada nos poemas de Bráulio Bessa, artista da contemporaneidade, que mistura diversas influências como o cordel em sua literatura, e através de uma linguagem coloquial, retoma algumas ideias das temáticas estereotipadas, mas a partir de um viés voltado para a valorização da cultura e do povo nordestino.

Por essa razão, ao conhecer o poeta e cordelista Bráulio Bessa, sentimos a necessidade de estudar as suas obras e de fazê-lo conhecido no campo acadêmico, visto que suas temáticas e sua forma de linguagem nos fazem compreendê-lo e se emocionar, pois além de falar sobre a nossa cultura em diálogo com outras culturas, o autor também valoriza o que é nosso. Além de sofrer certo preconceito visto que sua poesia surge do cordel, gênero oral que surge no seio do povo e é feito para o povo, com uma linguagem acessível a todos e não apenas a poucos privilegiados ou iluminados com a arte de escrever e de entender poesia.

A poesia é um bem imaterial, não pertence ao mundo físico, ao tangível. Os milagres de cadernos contendo versos de cordel que nunca foram publicados, mas que eram recitados para plateias ávidas pela beleza literária, da mesma forma, os milhares de versos ainda hoje depositados nessas mesmas folhas pelo interior do Brasil não carecem de impressão para ser poesia. Se assim o fosse estrariamos aprisionados aos tipos gráficos e às impressoras digitais. Sejam exemplos: Gregório de Matos que nunca publicou um poema em vida e Ariano Suassuna, ainda escrevendo à mão os seus romances. A impressão, o livro impresso, é tão somente um meio de difusão, assim como hoje as páginas da internet, seus blogs, e e-books também o são (LUCIANO, 2012, p. 54-55).

Dessa forma, compreendemos que a poesia hoje perpassa todos os meios e não está mais inteiramente ligada a tradição oral, mas está em outros meios e são nesses outros meios como a internet e a sala de aula que a poesia e o cordel ainda não circulam como gostaríamos para que se torne conhecida e valorizada.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica da obra de Bessa e selecionamos alguns dos poemas para refletir a forma como o autor representa o Nordeste e o diálogo que ele estabelece com as outras demais formas de cultura, assim como com outras regiões do Brasil e do mundo. Dessa maneira, o corpus do nosso trabalho é constituído pelos poemas “A mesa do brasileiro”, “A sanfona de Beethoven” e “Mãos”, que estão contidos no livro “Poesia com rapadura” (2017) de Bráulio Bessa, que trazem a solidariedade como prato que falta a mesa do brasileiro, o dialogo com a cultura erudita e a valorização do trabalho manual.

Para embasar a pesquisa, utilizamos alguns autores que discutem sobre a concepção de cultura, como Laraia (1986), Santos (1996) e Certeau (1995), e sobre identidade, Albuquerque Júnior (1999) e Hall (2006).

Para tanto, organizamos o trabalho em seis tópicos: Introdução; Considerações acerca do conceito de cultura; A representação do Nordeste; O Nordeste nos versos de Bráulio Bessa; Considerações finais e Referências.

2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE CULTURA

Inicialmente, promovemos uma breve discussão sobre alguns conceitos de cultura. Assunto de grande relevância, principalmente nos dias atuais, quando nos deparamos, mais uma vez na história com discursos racistas, preconceituosos em relação à cultura do Outro, linguagem, valores, crenças e costumes.

O conceito de cultura, já no dicionário, está atrelado às crenças, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social:

Cultural (cul·tu·ral adj. m+f)

1. Relativo a ou característico de cultura.
2. Relativo ao conjunto de conhecimentos, informações e valores adquiridos, que instruem o indivíduo, o grupo ou a sociedade, conforme uma perspectiva do processo de evolução.
3. Relativo a eventos que contribuem para o aprimoramento da cultura.
4. Que difunde ou propaga cultura.

sm

Aquilo que é do domínio da cultura.

(<http://www1.uol.com.br/michaelis/>. Acesso em 16 de outubro 2022)

A definição presente no dicionário faz referência à aquisição de conhecimentos de um indivíduo, grupo ou sociedade dentro de um processo de mudanças com o passar do tempo, sendo que a utilização do termo “evolução” lembra uma variação no campo natural, físico ou biológico. Segundo Laraia, no livro *Cultura: um conceito antropológico* (1986), o aspecto biológico está presente na concepção de cultura até o século XIX, sustentado pelo pressuposto evolucionista. Neste período também predomina o sentido de “cultura” como um bem que alguns possuem e outros não. Esse sentido permanece quando se diz que alguém é “culto” ou “tem cultura”. Predomina, assim, uma visão de cultura excludente e elitista. Além disso, determinismos geográfico ou genético contribuíram para reforçar o racismo e preconceitos, além de terem servido como justificativa para a dominação de uns povos sobre outros.

Com o surgimento da Antropologia no final do século XIX e o aprofundamento das pesquisas na área antropológica no século XX, “Cultura” passa a ser entendida como conjunto de valores, crenças, costumes, artefatos e comportamentos com os quais os seres humanos interpretam, participam e transformam o mundo em que vivem.

Logo, cultura faz parte da forma como o povo foi mudando e de todas as influências históricas que recebeu e recebe. Quando falamos de América Latina, em especial o Brasil, sabemos que partimos de uma cultura de miscigenação, visto que além dos indígenas que aqui

habitavam e dos colonizadores portugueses, que aqui chegaram a partir do século XVI, outros povos trouxeram importantes contribuições como os africanos e, posteriormente, asiáticos. Muitos desses povos foram impedidos de manifestar os seus costumes, crenças e, principalmente, a sua linguagem. Por isso, a cultura dos povos dominados foi se fundindo com a do dominador, que se manteve hegemônica. No livro *O que é cultura* (1996) o autor Santos afirma:

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos. (SANTOS, 1996, p.7).

Logo, trata-se de um assunto necessário nos dias atuais, sendo abordado por sociólogos, antropólogos, escritores, dentre outros. No livro *O que é Cultura*, Santos (1996) revisa o percurso do termo cultura nas ciências sociais.

A concepção de cultura segundo Santos, diz respeito à humanidade como um todo, ou seja, todo e qualquer povo, grupos humanos ou nação tem cultura:

Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a grande variação delas. (SANTOS, 1996, p.8).

Ao longo dos capítulos, o autor chama a atenção para o fato de que a cultura é uma construção histórica e social e não um processo natural, decorrente de leis biológicas ou físicas. Ele destaca ainda a importância de se reconhecer e respeitar as diferenças culturais:

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. (SANTOS, 1996, p.8).

Na perspectiva de Santos, a discussão de cultura nos dias de hoje evita a hierarquização entre as culturas que justificou o domínio e a exploração da Europa sobre regiões do continente americano e africano.

Ainda temos o conceito de cultura no livro: *O rumor da língua* (2004), de autoria de Roland Barthes, quando diz que: “Em resumo, tudo é cultura, da roupa ao livro, da comida à imagem, e a cultura está por toda parte, de uma ponta a outra das escalas sociais. Essa cultura, decididamente, é um objeto bem paradoxal: sem contornos, sem termo oposicional, sem resto”. (BARTHES, 2004, p. 109).

Em *A cultura no plural*, o historiador francês Michel de Certeau (1995) promove reflexões sobre a ação cultural na França no período de 1960, focando nas contradições presentes na escola francesa, sobretudo na universidade, no que se refere à diversidade cultural. As discussões voltam-se principalmente para a questão da democratização do ensino nas universidades francesas e para a necessidade a partir de então da universidade repensar a transmissão da cultura de elite, estável e homogênea que era repassada aos alunos, sem se

abrir para a diversidade cultural advinda da multiplicação de culturas de diversas fontes presentes no espaço escolar e na sociedade em geral:

a relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais), ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos” (DE CERTEAU, 1995, p. 104).

Certeau ressalta na cultura o seu aspecto dinâmico, trata-se de um processo e não algo estagnado no tempo. Mesmo em relação às sociedades tradicionais é preciso entender que elas estão em transformações.

Além da discussão realizada até aqui sobre cultura, precisamos destacar também o papel das tecnologias, principalmente, da internet, nas mudanças no modo como as pessoas observam, entendem e se relacionam com o Outro e com o mundo. Se por um lado há o aspecto positivo, ainda que não garantido a todas as pessoas, de acesso a diferentes manifestações artísticas e culturais por meio da internet, por outro, estamos observando de maneira recorrente a presença de discursos de ódio, xenofóbicos, em relação ao que se considera diferente. Esses discursos preconceituosos em relação à região Nordeste tem suas bases nas imagens construídas e reproduzidas nos séculos XIX e XX no campo artístico literário sobre a região.

Segundo Durval Muniz Albuquerque no livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (1999), historicamente imagens reducionistas sobre o Nordeste foram construídas no imaginário social e cultural brasileiro, através inclusive da literatura, pintura, música, como mostra, por meio da “[...] estratégia da estereotipização.” Tal estratégia reforça a criação de uma imagem homogênea do Nordeste como lugar apenas de pobreza, carência e feiura.

3 A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE

Por muito tempo a cultura da região Nordeste nem ao menos era vista como cultura. A produção cultural brasileira, a partir principalmente do século XIX, foi atribuída aos estados da região sudeste que ganhavam prestígio juntamente com o crescimento econômico e o domínio político. Obviamente isso se dá pelo processo de colonização e modernização que se iniciou com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, que modernizou a cidade e trouxe a “bens culturais” até então inexistentes para os colonos que aqui habitavam. Afinal, havia outras questões que mereciam mais atenção na colônia brasileira como, por exemplo, o saneamento básico que era extremamente precário. No entanto, o Rio de Janeiro tornou-se a capital do império e posteriormente da república brasileira, trazendo no imaginário nacional a ideia de referência para as demais regiões, afinal era o Sudeste que possuía os avanços necessários para a construção do país.

Posteriormente, temos outro grande marco cultural brasileiro que é a Semana de arte moderna de 1922, ocorrida nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro. O grande objetivo dos artistas modernistas era trazer conceitos inovadores de arte baseados no aprendizado apreendido em suas viagens pelo interior e exterior do Brasil. Oswald e Mário de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti, foram alguns dos grandes nomes que marcaram as obras expostas durante a semana:

São Paulo se tornou um símbolo de progresso, enquanto a nova região Nordeste - que até pouco tempo antes era apenas o "Norte" - ficava conhecida pelo atraso econômico, social e fortes estiagens. É nesse contexto que surge a ideia do "regionalismo", capitaneada por Gilberto Freyre para defender o valor daquela

sociedade rural que não conseguiria se adaptar ao progresso paulista. Se o modernismo difundido por Mário e Oswald de Andrade trazia uma ideia de ruptura, muito inspirada por vanguardas europeias como o futurismo, o modernismo daquele novo Nordeste se pautava também pela defesa de uma tradição.” (BENTO, 2022).

A semana de arte não abriu espaço para uma construção nordestina que pudesse representar o Brasil, mas apenas a região, e uma visão recheada de estereótipos, principalmente da seca. O Nordeste era tido como uma região que estava à margem do progresso e que ainda tinha muito a “aprender”, visto que os avanços só chegavam depois, com atraso. Um Nordeste de seca e pobreza que foi reforçado pelo que Albuquerque chama de “invenção do Nordeste”:

O nordeste é tomado, nesse texto, como invenção, pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 24).

A ideia de que o todo pode ser definido de maneira linear sem observar as particularidades de cada lugar, ocorrendo assim a divisão das regiões em apenas Norte e Sul, atribuindo características que são de alguns estados ao todo representado como Norte, ou Nordeste. Durval ainda afirma que essa visão regionalista surge a partir da segunda metade do século XIX, quando a ideia de pátria começou a surgir e era necessário definir qual era a identidade brasileira:

A formação discursiva nacional-popular pensava a nação por meio de uma conceituação que a via como homogênea e que buscava a construção de uma identidade, para o Brasil e para os brasileiros.(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 48-49).

Mas até onde podemos definir o que é identidade? E o que é uma identidade nacional?

Stuart Hall (2006) nos atenta para a ideia de que não há como existir uma identidade fixa, mas as identidades são fluidas, ainda mais no momento social em que vivemos. Não dá mais para associar um país a uma única e homogênea forma de identidade. Somos plurais e cada região tem as suas particularidades, assim como dentro de uma mesma região existem diversas características singulares.

Por que o sudeste pode fazer literatura nacional e os demais só podem fazer literatura regional? Esse é o questionamento do professor Durval Muniz de Albuquerque Jr. já que os próprios nordestinos não conseguem sair do regionalismo para mostrar outra realidade além da seca, da miséria, do analfabetismo e dos valores morais construídos nessa vida dura, como a honestidade, força e coragem. Observar a literatura nordestina apenas por esse viés é nivelá-la de maneira superficial, reforçando estereótipos e reproduzindo um discurso de vítima. Muniz nos alerta para a necessidade de sair da posição de discriminado e da posição de estar a todo tempo mostrando que há "uma verdade a ser revelada", precisamos mostrar a força da cultura sem a necessidade de reforçar esses padrões previamente estabelecidos.

A ideia de identidade está atrelada a homogeneidade, associando diversas minorias a um todo. Foi isso que aconteceu com o Nordeste na literatura. Todos os estereótipos de seca e de menosprezo a região foram unidos para representar o povo nordestino.

A escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no

interior da região que se forma, como na relação com outras regiões. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 49).

Além da seca, da miséria, ainda existia a ideia da “macheza” reforçada na ideia dos cangaceiros que seriam como “vingadores de Deus” diante do cenário político e social que viviam os nordestinos. O cangaço e a dualidade Deus/Diabo estão em diversos folhetos de cordéis, e são frutos dessa invenção do Nordeste.

A cultura produzida pelo Nordeste é muito maior que esse esquema que remonta a ideia de simplicidade que foi "inventada" na ficção regionalista. É preciso combater a discriminação demonstrando que a literatura nordestina ultrapassou as barreiras regionais e está em igualdade com qualquer outra. A exemplo podemos citar a literatura de cordel, e outros tantos gêneros que surgiram em nossa região. Grandes nomes também saíram do Nordeste como Ariano Suassuna com o acervo de obras geniais, das quais destacamos "O auto da Compadecida", obra que rompe com diversos estereótipos previamente atribuídos ao Nordeste. Apesar de mostrar o cangaceiro, percebemos que ele tem o ponto “fraco” da fé, esta que traz um Cristo negro e a figura da Virgem Maria como defensora dos pobres. Vemos também a desmistificação da sacralidade de alguns religiosos, tendo uma crítica aos maus religiosos que buscam mais o dinheiro que a conversão do povo.

4 VIDA E OBRA DE BRÁULIO BESSA

Bráulio Bessa Uchoa é natural da cidade de Alto Santo, interior do Sertão do Ceará, no dia 23 de julho de 1985. Seu primeiro contato com a poesia foi aos 14 anos, quando em um trabalho escolar a professora pediu que cada aluno escolhesse um poeta para falar sobre sua vida e obra. Assim, Bessa conheceu Patativa do Assaré (1909-2002) e ao observar na capa da revista a imagem de um sertanejo com uma bengala e uma casa de taipa, decidiu que seria ele o seu trabalho. Imediatamente se encantou com poesia e resolveu também tentar fazer.

Coloquei na cabeça que queria ser poeta, mas não sabia se tinha esse dom – coisa que até hoje não entendo muito bem. Eu não sabia se tinha talento, mas tinha sentimento, a vontade. Acho que vontade é um dom: eu queria tanto que Deus decidiu me usar como instrumento para um plano Dele. E eu tinha coisas para dizer. Então sentei e comecei a escrever. (BESSA, 2018)

A ideia na qual Bessa se refere sobre “dom” foi por muito tempo difundida de que a literatura era para poucos “iluminados” ou “abençoados”, o que foi desmistificado, pois escrever é um misto de esforço, estudo e prática. Só se aprende a escrever bem, escrevendo. Por essa razão, também observamos que a ideia de Bessa de poeta naquela época passava pelo mito do “falar difícil”, ainda no livro “poesia que transforma” (2018) ele diz que no episódio da escola, ficou com inveja de quem pegou Carlos Drummond de Andrade, pois no imaginário dele, apenas os grandes nomes do cânone faziam poesia. Isso nos leva a refletir sobre o preconceito com o que é popular, visto que tanto Assaré quanto Bessa tem uma linguagem simples, do povo, que pode ser entendido por qualquer pessoa.

Assim, surgiu o primeiro poema de Bessa, uma sextilha, inspirada nos versos de Assaré:

Ah, se eu fosse um Patativa
Que canta por todo canto,
Canta a seca e a fartura,
A alegria e o pranto.
Seu canto no Assaré
Me encantou em Alto Santo. (BESSA, 2018).

Bráulio ingressou na Faculdade, no curso de Análise de Sistemas, fato que o motivou a criar sua página na internet “Nação Nordestina” que posteriormente viralizou e o fez ficar nacionalmente conhecido. A página com mais de um milhão de seguidores foi o primeiro meio de divulgação da sua arte, posteriormente o levando a estar em evidência na TV aberta. O aumento reflete, justamente, a popularização da poesia no espaço virtual, onde jovens poetas publicam textos e conquistam milhares de seguidores, como é o caso de João Doederlein, Ryane Leão e Zack Magiezi. Assim, os livros de poesia desses e de outros autores ganharam espaço na lista de best-sellers do país.

Em 2017, lançou o livro “Poesia Com Rapadura”, onde reúne como ele mesmo diz: “uma ruma de sentimentos e pensamentos de um fazedor de poesias”. Nos anos seguintes lançou "Poesia que transforma" (2018) e "Um carinho na alma" (2019).

Livros publicados: Poesia com rapadura (2017); Poesia que transforma (2018); Recomece (2018); Um carinho na alma (2019). Nas redes sociais temos o Twitter, sendo que o twitter oficial do poeta é @brauliobessa, no Instagram, o instagram oficial de Bráulio Bessa é @brauliobessa e no Youtube, desde maio de 2012, o poeta mantém um canal de poesia.

De acordo com dados da empresa de pesquisa de mercado GfK, as vendas na categoria aumentaram 107%, entre os meses de janeiro e agosto de 2018, em comparação ao mesmo período do ano anterior.

Imagem 1 - Bráulio Bessa



Fonte²: Perfil do Instagram

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COJTNxuh8pC/>

5 O NORDESTE NOS VERSOS DE BRÁULIO BESSA

É comum na literatura que os autores primeiro publiquem seus textos e depois sejam conhecidos por esse meio, Bráulio seguiu o caminho inverso. Diante do mundo recheado de novas tecnologias, o autor é ativo nas redes sociais e primeiramente apresentou seus poemas em forma de vídeos e publicações. Depois disso, o autor tornou-se conhecido nacionalmente após se apresentar no programa “Encontro com Fátima Bernardes”, declamando, como autor de cordel, principalmente cordéis e poesias de sua autoria.

Seu primeiro livro “Poesia com Rapadura”, publicado em 2017, é resultado dos poemas do autor divulgados em sua página do Facebook. A estratégia de Bessa para o sucesso não é apenas o mercado editorial, mas também os meios digitais, visto que na atualidade, a internet tem se configurado em um importante espaço de produção de divulgação para os artistas, dentre eles o artista de cordel, paralelo ao circuito das editoras e gravadoras. O programa de TV também é uma estratégia interessante, pois o faz conhecido também para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo na internet.

O autor é um exemplo da literatura brasileira e, sobretudo do Nordeste, na contemporaneidade. Para mostrar como sua poesia vem representando esta região, iremos analisar alguns de seus poemas. Bráulio Bessa Uchoa é um poeta, cordelista e declamador de poemas, natural da cidade de Alto Santo, Ceará. Tem 37 anos, é casado com Camila Mendes e nacionalmente conhecido por participar do programa de Televisão da Rede Globo “Encontro com Fátima Bernardes” (atualmente apresentado por Patrícia Poeta).

Bessa iniciou a sua carreira através da página no Facebook intitulada “Nação Nordestina” que foi criada em 2011 e contava com mais de um milhão de seguidores. O autor viralizou nas redes sociais e no Youtube declamando o poema “Nordeste independente”, de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova, após alguns episódios de preconceito contra a região durante as eleições. No final de 2014 foi convidado para participar pela primeira vez do programa e falar um pouco sobre o preconceito sobre o povo nordestino. Após algumas participações, o autor começou a se apresentar periodicamente e a declamar poemas de sua autoria.

O primeiro livro de Bessa, “poesia com rapadura”, foi lançado de maneira impressa em 2014, sendo resultado dos poemas, originados da Literatura de cordel, publicados em sua página no Facebook. Em 2018 ele lança “poesia que transforma” e em 2019 “Um carinho na alma”. Ao analisarmos sua obra, observamos que o autor fala muito sobre valores e sentimentos, levando sempre o leitor a se identificar com seus poemas através de sua linguagem simples, marcada pela coloquialidade e por regionalismos, e de seu caráter emotivo.

Percebemos a familiaridade com o cordel através do tratamento dado as temáticas, textos escritos em verso que correspondem a pequenas histórias, histórias educativas, obras de cunho histórico, com mensagens morais, e do uso de aspectos formais característicos do cordel como o uso de métricas fixas e do emprego de décimas, sextilhas e quadras, explorando assim a sonoridade e a forma característica desse gênero. Apesar da tentativa de mostrar o Nordeste de uma forma diferente das obras canônicas que refletiam a seca, o coronelismo e cangaço, Bessa ainda traz a visão do Nordeste de forma estereotipada, como a ênfase na simplicidade na forma de pensar e agir das pessoas e a dicotomia entre o Nordeste e as demais regiões. No entanto, em alguns poemas conseguimos identificar aspectos que trazem a cultura nordestina em diálogo com outras culturas, pois a literatura advinda do cordel surge da tradição oral, da tradição cultural do povo. A fim de mostrar esse viés, iremos analisar alguns desses poemas.

5.1 A mesa do brasileiro

O Brasil de Norte a Sul
do sudeste ao Nordeste,
passando no Centro-Oeste,
embaixo de um céu azul,
do chão brota um menu
tão completo, tão inteiro:
do morango ao cajueiro,
sabores tão diferentes,
mas falta um ingrediente
na mesa do brasileiro.

Tem churrasco lá no Sul
Tem o cuscuz do Nordeste,
queijo minas no Sudeste,
na Bahia o sururu,
no Centro-Oeste o menu
tem arroz de carreteiro
e das mãos do canoeiro,
peixe assado e pirão quente,
mas falta um ingrediente
na mesa do brasileiro.

Cocada, acarajé,
temos doce de goiaba,
a moqueca capixaba
tem cachaça, o nosso “mé”,
um pãozinho com café,
os legumes do roceiro
e do mar o jangadeiro
traz mil peixes diferentes,
mas falta um ingrediente
na mesa do brasileiro.

Falta solidariedade
temperando essa fartura!
Mais doce que rapadura
é o mel da igualdade.
Pitadas de honestidade,
mudaria esse roteiro,
do doutor ao faxineiro,
do famoso ao indigente,
seria bem diferente
a mesa do brasileiro. (BESSA, 2017)

O poema “A mesa do Brasileiro” traz como temática a solidariedade, que é enfatizada pelo poeta como um ingrediente que falta nessa mesa, não importando qual o lugar do país. Para demonstrar o lugar de igualdade entre as regiões, Bessa mostra algumas comidas típicas de cada região, reforçando a ideia de mesa, como o lugar de alimentação. Observamos que nesse poema o autor iguala as regiões, colocando-as no mesmo nível, sendo uma inovação quando comparamos ao cânone que colocava o sudeste em posição de superioridade. Ao citar todas as regiões de maneira particular, Bessa retira a ideia de que Nordeste e Norte são uma única região, e nos mostra a heterogeneidade de cada um delas, citando comidas típicas e costumes.

Com relação à estrutura o poema é composto por quatro estrofes, cada uma composta por dez versos, apesar da familiaridade com o cordel, percebemos que os versos dele são mais livres, não seguindo uma rigidez com relação à marcação de sílabas. O poeta tem uma linguagem simples, marcada pela coloquialidade e de fácil entendimento, o que faz com que os leitores se identifiquem. Ele também utiliza uma gíria regional para a cachaça: “mé”, expressão que faz referência ao melaço da cana de açúcar que é uma matéria-prima da bebida.

Outro poema que traz a mesma estrutura e com temática similar é “Consciência negra”. Nele, o autor fala sobre o preconceito racial e referencia figuras de importância mundial na luta contra o racismo como Martin Luther King, Mandela e Ray Charles.

Ainda sobre a perspectiva de igualdade entre culturas, Bessa coloca Michael Jackson, Bob Marley e Gonzagão como realezas e cita Machado de Assis como a alternativa para “cortar o mal pela raiz”. Vale lembrar que Michael Jackson sofreu muito com relação ao preconceito racial, já que possuía uma doença chamada “vitiligo”, que causa a perda da coloração da pele. Muitas pessoas ainda hoje acreditam que o rei do pop acelerou o processo de embranquecimento da cor da pele, ou que resolveu “ficar branco” porque não gostava de ser negro. Interpretação que pode não ser verdadeira, já que o cantor era um exímio defensor da igualdade, conforme mostra a canção “Black or White” que foi lançada em 1991. Com relação a Machado de Assis, percebemos situação similar já que diversos estudos afirmam que ele sofreu de “embranquecimento” pela história para que se tornasse um grande nome da literatura, visto que Machado era negro, e muitos afro-descendentes não tinham oportunidade de escrever e se tornarem conhecidos.

5.2 A sanfona de Beethoven

Me agarro num abraço,
no corpo do tocador,
abro o fole, rasgo o peito
pra contar sorriso e dor.
São sustentados, bemóis
misturados numa voz
que vem lá do coração,
sou símbolo maior
majestade do forró,
de Luiz, Rei do Baião.

Já enchi muito a barriga,
dei trabalho a muita gente,
eduquei, vesti, calcei
na sombra e no sol quente.
Estive em casas granfinas
e nas mais pobres esquinas
mendigando um tostão,
e os olhos do sanfoneiro
via no prato o dinheiro
pra levar pra casa o pão.

Ah, se a vida num descuido,
brincasse com meu destino
e Beethoven me olhasse
ainda como menino...
Sua oitava sinfonia
teria mais alegria,
e eu não dava um ano,
pra ele só me querer

e num instante esquecer
daquele tão de piano. (BESSA, 2017).

Beethoven foi um compositor germânico que estava entre a transição do classicismo e romantismo, visto como um dos melhores pianistas da música clássica mundial. Escreveu nove sinfonias, sendo a Nona sinfonia composta quando estava totalmente surdo. Já Luiz Gonzaga foi um cantor e compositor brasileiro e nordestino, conhecido popularmente como Rei do Baião, compôs diversos clássicos da cultura nordestina como “Asa Branca”, “O xote das meninas” e “Chêro da Carolina”.

No poema “A sanfona de Beethoven”, Bessa compara a sanfona, instrumento musical que Luiz Gonzaga dominava com maestria, com o piano de Beethoven. A similaridade dos instrumentos se dá pelas teclas, apesar de conter diferenças na sonoridade do piano clássico com o acordeon. O que nos chama atenção no poema é a forma como o autor traz a valorização da cultura nordestina sendo colocada em um mesmo nível da cultura dita como erudita.

O poema tem três estrofes composta de dez versos cada. Também apresenta uma linguagem coloquial. Na primeira estrofe, observamos os termos "sustenidos" e “bemóis” expressões da música que está tanto no baião quanto na música clássica. Na segunda estrofe, Bessa fala sobre a sanfona e o sofrimento do sanfoneiro que muitas vezes não tem o reconhecimento que lhe é devido a sua arte. E, por fim, na terceira estrofe, vemos a comparação em mesmo nível dos dois instrumentos, e como o autor brinca com a ideia de que se o músico clássico conhecesse a sanfona iria abandonar o piano.

Outro poema em que o autor critica a desvalorização do artista nordestino como na segunda estrofe do poema anterior é “xilogravura”. O título faz menção a arte de esculpir gravuras em madeira, na qual o artista produz alguns desenhos característicos da cultura nordestina, com os quais ilustram as capas dos cordéis.

Na primeira e na segunda estrofe do poema, Bessa critica a supervalorização da cultura exterior ao citar “*pagam mais de um milhão / num quadro que eu não entendo*” (BESSA, 2017) fazendo menção principalmente a algumas vanguardas que dão valor a expressão artística e não mais as formas, por exemplo as pinturas do expressionismo abstrato, e a precariedade da vida dos xilógrafos, já que dificilmente são reconhecidos e recebem justo valor por sua arte. Na quarta e na quinta estrofes, ele nos traz uma mensagem de valorização dessa arte e compara o xilógrafo a Picasso, famoso pintor considerado um dos pioneiros da vanguarda cubista.

Falando sobre preconceitos, em especial a xenofobia (preconceito com relação a naturalidade do indivíduo, seus costumes e tradições), temos o poema de Bessa em solidariedade a Miss Ceará, Melissa Gurgel que em 2014 foi alvo de críticas nas redes sociais após ganhar o concurso Miss Brasil. A modelo foi vítima da mais clara xenofobia por ser natural da cidade de Maracanaú, localizada no Ceará, comentários que criticavam seu sotaque e até mesmo diziam que ela não era bonita pelo estado em que nasceu. Julgamentos com relação a beleza da miss ocorrem ainda na perspectiva de que a região Sudeste sempre está “acima” da região Nordeste, e que não se admite que a beleza ocorra em uma região marginalizada historicamente como é o nosso caso. Vale lembrar que apesar dessa superioridade histórica enraizada na mente dos brasileiros, o estado que possui mais moradores em situação de rua é São Paulo, local onde também se encontra “cracolândia” e demais lugares com pessoas em situações de crítica emergência. O que nos leva a compreender que a situação financeira ou mesmo de vulnerabilidade não depende apenas da naturalidade do indivíduo, mas de outros fatores como políticas públicas de distribuição de rendas, oportunidades de emprego que supram as necessidades básicas, saneamento básico, dentre outros.

A beleza que habita nosso peito,
vem de dentro pra fora e ela é pura.
Não combina com inveja ou amargura,
muito menos com a palavra preconceito.
Gente burra é que tem esse defeito,
uma falha que vem na estrutura,
isso é coisa de gente sem cultura
e o mundo inteiro agora viu,
que a mulher mais bonita do Brasil
foi criada comendo rapadura (BESSA, 2017)

Outro caso que podemos citar de xenofobia no Brasil foi o da campeã do programa de Televisão da Rede Globo, Big Brother Brasil no ano de 2021, Juliette Freire. A ex-BBB sofreu diversos episódios de preconceito por parte dos outros participantes por seu sotaque e seus costumes, típicos da nossa região, já que a artista nasceu na cidade de Campina Grande e mora na capital paraibana, João Pessoa.

Situações como essas só nos mostram que ainda temos muito que avançar na busca por espaço nacional. Casos de xenofobia nos mostram como a mentalidade nacional ainda traz enraizada em sua estrutura a hipervalorização do Sudeste, que divide o país em Sul e Norte, como se nossa cultura fosse homogênea, e não heterogênea. A nossa pluralidade de valor é muito maior que qualquer tipo de preconceito. O Nordeste não é apenas seca, miséria, nossa região é riquíssima de tradições, cultura e beleza. Os pontos turísticos mais bonitos do Brasil são encontrados no Nordeste, e isso deve ser valorizado.

5.3 Mãos

Um poeta agarra um lápis
e escreve uma poesia,
um palhaço pinta o rosto
pra espalhar alegria,
o pintor pinta uma tela
de uma paisagem tão bela,
e a Ana faz um fuxico
usando o poder das mãos
e o amor do coração
faz-se até luxo no lixo.

Um tronco velho de pau
se transforma em escultura.
A arte brota na vida,
a vida brota cultura,
a cultura brota o novo
esculpindo o próprio povo
que se enxerga em toda parte.
Cada calo em sua mão,
fortalece o artesão,
mantém viva sua arte.

A mão que faz um carinho,
que aperta firme e forte,
a mão que abençoa um filho,
a mão que nos dá suporte,
a mão que diz: “vem cá”,
e a mão que diz: “volto já”,
a mão que faz oração.

Hoje eu falei pra você,
da magia e do poder
de tudo que é feito a mão. (BESSA, 2017)

O poema tem como título “Mãos” o que nos leva a refletir sobre quão importante essa parte de nosso corpo pode ser. A simbologia das mãos passa por todas as civilizações, desde as mais antigas até as mais atuais. No Egito, as mãos unidas traziam um gesto de oferenda. Para os Hebreus, era o espírito vital procriador. O próprio ato de gesticular enquanto se fala, denota as mãos um significado em relação a como o corpo se porta diferente, quando alguém utiliza as mãos como suporte para a sua apresentação, assim como o maestro utiliza as mãos para reger a orquestra. Expressões como “estou nas mãos dele” significam que alguém entrega toda a sua confiança ou vida a alguém, reforçando a ideia de importância a esse membro de nosso corpo.

Dessa forma, temos diversos trabalhos que são executados de forma manual, desde a comida que é plantada e colhida, até as roupas e objetos pessoais que eram produzidos nos tempos anteriores a industrialização. O trabalho feito com as mãos é atribuído ao cuidado do povo, popular.

A temática desse poema é o trabalho manual, como grande produtor de cultura. Bessa cita diversas profissões: poeta, escultor, palhaço e artesãos no geral. Observamos que o autor cita a arte do “fuxico” que é um tipo de artesanato que consiste em um pedaço de tecido, cortado em círculo que vai sendo costurado com linha e agulha nas bordas, até formar um tipo de almofada pequena, que pode ser unida a vários outros e fazer diversos produtos, como tapetes, colchas entre outros. As famosas colchas de fuxico são tradicionais no interior do Nordeste, e geram trocadilhos com o famoso costume de “falar mal das pessoas”. As famosas “fuxiqueiras” podem ser interpretadas de duas formas.

Ao falar sobre o trabalho manual, Bessa nos leva a uma reflexão sobre o preconceito sofrido com esse tipo de produção. Tudo que é produzido de forma manual é desvalorizado, as pessoas acham que podem precificar e dar qualquer quantia ao artesão. O trabalho do povo entra em conflito com o trabalho das máquinas, em que muitos pagam caro em lojas que tenham renome, mas acredita que o trabalho do artesão deve ser mais barato por ser manual. Podemos citar também o crochê, o tricô, a costura, trabalhos essenciais em épocas que não existiam as grandes indústrias e que a bem pouco tempo no interior, era a única forma das pessoas conseguirem se vestir. Hoje, após a industrialização, o trabalho dessas profissionais é visto como “caro”, pois ao colocar sua mão de obra e material, e cobrarem um justo valor, muitos preferem os produtos de loja.

Ele também fala sobre os palhaços, artistas circenses que surgiram ainda no Egito e foram temas para diversos pintores, como Picasso, Renoir e Seurat. Os famosos Clowns foi tema do espetáculo “O grande circo místico”, inspirado pelo poema de Jorge de Lima e com canções de Chico Buarque e Edu Lobo.

Ao falar de esculturas, o poeta abre espaço tanto para os xilógrafos quanto a todos os outros artistas que se dedicaram ou se dedicam a essa arte. Podemos citar aqui Aleijadinho como grande representante dessa arte no Brasil, que inclusive sofria grande preconceito por ser mestiço, filho de um imigrante português com uma escrava.

Quando o autor nos alerta para a realidade acerca do preconceito com o trabalho manual, ele faz uma ponte também com a sua escrita, que por vezes sofre esse preconceito visto que é feita para o povo, para que todos possam entender e não apenas uma minoria de poucos esclarecidos ou “abençoados” com o dom da poesia. A linguagem de Bessa é para todos, assim como o trabalho manual, que pode ser feito por todos. Percebemos assim, que o cordel por ser um arte oral e vir da expressão popular, sofre junto com os trabalhos manuais, as duras penas de servir ao povo, e por essa razão são tratadas como culturas menores, apesar de sabermos que é essa cultura a “mãe” de todas as outras.

Por fim, na última estrofe o autor reflete sobre as mãos que não somente trabalham, mas também são ferramentas para o carinho, amparo e para a demonstração de fé das pessoas, e finaliza exaltando o poder e a magia de tudo que as mãos são capazes de fazer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1930/1940 o Nordeste aparece na ficção, filme, músicas por meio de diversos estereótipos, em Bessa, no século XXI, as temáticas seca, fome, miséria, cangaço, aparecem ainda, mas seus versos já os tratam esses temas de uma maneira diferente, o que antes representava o Nordeste subjugado, pobre e ignorante, hoje trazem uma mensagem de esperança e de valorização. O autor tem temáticas importantes, como o preconceito racial, a xenofobia e o desejo da valorização da cultura regional, e apesar de não ser considerado por muitos, poeta e cordelista, ele contribui de maneira significativa para a literatura nordestina, e até mesmo nacional, como um todo.

A poesia de Bessa, mais especificamente os poemas “A mesa do brasileiro”, “A sanfona de Beethoven” e “Mãos” do livro “Poesia com rapadura” (2017) mostraram na análise que o autor retrata a cultura nordestina em diálogo com outros nomes culturais mundiais tanto na música, quanto na literatura e apesar de ainda trazer a visão do Nordeste relacionada à seca, a simplicidade do homem do campo, a pobreza e a miséria, ele já aponta para aspectos positivos da cultura e do povo nordestino.

Portanto, a importância de Bessa se dá não apenas pelo fato de ser nordestino, mas de ser capaz de levar nossa cultura para além da nossa região. O fato de o artista ter um espaço que o torna visto não apenas nas bolhas da internet mas também nas redes nacionais de televisão, é uma esperança de que esse conteúdo chegue a todos, e que aos poucos a mentalidade nacional seja mudada, a partir de seus versos que tem uma linguagem coloquial e que todos podem compreender.

Sabemos que ainda há muito a avançar, principalmente com relação aos temas de xenofobia, ao elitismo cultural e o desrespeito à diversidade, mas ao retratar essas realidades em seus versos Bessa reforça no imaginário nacional a necessidade de olhar de outra forma o que está enraizado em nossa sociedade.

Por fim, compreendemos que ainda há muito a estudarmos sobre a temática e que nosso trabalho é apenas o início de uma discussão que pretende ao menos um pouco levar-nos a refletir sobre como o Nordeste e os nordestinos ainda sofrem com o preconceito enraizado e como a nossa cultura ainda precisa ser valorizada e ter a devida importância como as demais que são produzidas especialmente no sudeste.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4 ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BENTO, Emmanuel. Recife também buscava seu modernismo na semana de 22. 100 anos da semana de 22. **Uol**. 2022. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/02/14946816-recife-tambem-buscava-o-seu-modernismo-na-semana-de-22.html>. Acesso em: 07. Nov. 2022.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Tradução Mário Laranjeira e revisão Andrea Sabel M. Da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BESSA, Bráulio. **Poesia com rapadura**. Fortaleza: CeNE, 2017.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2010 [1995] 6ª edição.

HALL, Stuart. Identidade em questão. *In*: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11ª edição.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997 [1986]. 11ª edição.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma História Crítica do Cordel Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora adaga, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 16ª edição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Virgem Maria e ao Espírito Santo por me guiarem durante toda a minha vida e terem me concedido a graça de finalizar mais um ciclo em um dos tempos mais lindos da igreja que é o advento. Sem a minha fé que me move todos os dias a encarar os desafios propostos pela vida, eu nada seria.

Agradeço aos meus pais Josenildo Arruda Câmara e Gerlane Arruda Câmara por terem me instruído e segurado a minha mão em todos os momentos da minha, por sempre acreditarem em mim. A pessoa que sou hoje é graças à criação de vocês.

Agradeço ao meu esposo André Luis Gomes Lourenço, por dividir a vida comigo e acreditar em mim, sempre com as melhores palavras para dizer que tudo daria certo.

Agradeço ao meu filho Miguel, que é o presente mais lindo que Deus poderia me dar nessa reta final de uma jornada tão árdua. Que dividiu da forma mais íntima possível todos os sentimentos dessa etapa.

Agradeço a minha avó Maria Faustina Firino (in memoriam), por ter sido uma peça tão fundamental em minha criação e na construção de minha fé, de quem ouvi sempre as palavras de incentivo e que sei que intercede por mim a Deus sempre.

Agradeço a minha família no geral, especialmente a minha tia Girlene Firino que se tornou uma segunda mãe em todos os aspectos da minha vida.

Agradeço a minha amiga Fabiana Simplício, irmã que a UEPB me deu que dividiu comigo todas as dificuldades e superou cada uma delas comigo.

Agradeço a minha amiga Thais Calixto, por todo companheirismo, especialmente na reta final de nossa jornada acadêmica. E aos meus amigos de caminhada acadêmica Edjane Paulino, Bruno Barros, Karla Cavalcante, José Júnior, Yorrana, e Chrisllayne Farias, vocês foram essenciais.

Agradeço à minha orientadora Ana Lúcia Maria de Souza Neves, por ser desde o primeiro período dessa jornada a pessoa que sempre aceitou os maiores desafios a serem encarados junto comigo, e por todo conhecimento compartilhado durante esses quatro anos de vida acadêmica, não apenas conhecimentos acadêmicos, mas por me ajudar a ser uma pessoa mais humana.

Agradeço também a todos os meus professores da graduação, que trouxeram ricas instruções e leituras que contribuíram imensamente para a minha formação.

Agradeço aos meus amigos, especialmente os de infância Syllas Emanuel e Edizia Cordeiro, aos meus colegas de trabalho, e aos tantos outros que encontrei pelo caminho, dos quais não citarei para não ser injusta e pecar por esquecimento, mas que cada um sabe o espaço que ocupa em minha vida e em meu coração.

Gratidão por tudo, e a todos. Encerro um ciclo para o início de outros.

“A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê.”

(Hb, 11, 1.).